

**AMOR E PODER: RELAÇÕES COMPLEXAS EM CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE DE CONCEIÇÃO EVARISTO****LOVE AND POWER: COMPLEX RELATIONSHIPS IN CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE BY CONCEIÇÃO EVARISTO****DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19344****Driele Cristina de Souza<sup>1</sup>  
Flávia Santos de Araújo<sup>2</sup>  
Lívia Camilly de Lima<sup>3</sup>**

**Resumo:** Este artigo reconhece as relações afetivas no romance *Canção para ninar menino grande* (2022), de Conceição Evaristo, como redes complexas que se (des)constroem a partir das escolhas múltiplas das personagens femininas e seu rompimento com parâmetros hegemônicos heteropatriarcais de feminilidade, acarretando manifestações distintas de agenciamento feminino em suas relações amorosas. Considerando um conjunto de perspectivas teóricas do feminismo negro, propomos uma análise do romance que revela elementos dos intrincados mecanismos de construção dos afetos, ressaltando a importância deste para uma compreensão multidimensional das dinâmicas sociais e culturais do exercício do poder das personagens femininas frente ao amor.

**Palavras-chave:** Agenciamento feminino; amor; relações complexas; Conceição Evaristo.

**Abstract:** This article recognizes the affective relationships in the novel *Canção para ninar menino grande* (2022), by Conceição Evaristo, as complex networks that are (de)constructed based on the multiple choices of female characters and their rupture with heteropatriarchal hegemonic parameters of femininity, resulting in distinct manifestations of agency in their love relationships. Considering a set of black feminist theoretical perspectives, we propose an analysis of the novel that reveals elements of the intricate mechanisms of construction of affection, highlighting its importance for a multidimensional understanding of the socio-cultural dynamics of the female characters' exercise of power in the face of love.

**Keywords:** Women's agency; love; complex relationships; Conceição Evaristo.

<sup>1</sup> É graduanda no curso Letras-Inglês do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e atua como colaboradora no projeto de pesquisa “‘Nós escolhemos amar’: o amor e seus múltiplos sentidos em produções artísticas afrodiáspóricas das Américas”, coordenado pela Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo. E-mail: drieledesouza16@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0420-6458>.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Afro-Diáspóricos, pesquisadora e professora adjunta do curso Letras-Inglês do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) onde coordena o projeto de pesquisa “‘Nós escolhemos amar’: o amor e seus múltiplos sentidos em produções artísticas afrodiáspóricas das Américas”, dentre outros projetos de pesquisa, ensino e extensão. E-mail: [flavia.araujo@academico.ufpb.br](mailto:flavia.araujo@academico.ufpb.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0864-3233>.

<sup>3</sup> É graduanda no curso Letras-Inglês do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e atua como colaboradora no projeto de pesquisa “‘Nós escolhemos amar’: o amor e seus múltiplos sentidos em produções artísticas afrodiáspóricas das Américas”, coordenado pela Profa. Dra. Flávia Santos de Araújo. E-mail: [livia.camilly@academico.ufpb.br](mailto:livia.camilly@academico.ufpb.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8541-7688>.

## Introdução

O terceiro romance de Conceição Evaristo, *Canção para ninar menino grande* (2022), retrata as vivências, as relações afetivo-amorosas e as possibilidades de escolha de diversas personagens femininas que vivem sob os ditames de uma sociedade heteropatriarcal. À vista disso, o presente artigo busca analisar a ruptura que essas mulheres operam ao desafiarem um conjunto de expectativas que a sociedade impõe a elas, a partir do envolvimento com Fio Jasmim, protagonista masculino cuja trajetória temos acesso por via da voz narrativa do romance e seu ponto de vista feminino.

Como protagonista, Fio Jasmim também se destaca, ao menos em um primeiro momento, como uma figura que centraliza o poder de controle nessas relações afetivas. Neste estudo, direcionaremos nossa atenção a três personagens femininas — Pérola Maria, Aurora Liberto e Eleonora Distinta de Sá — e os caminhos afetivos que se desenvolvem com a figura central de Fio Jasmim. Costurando nossa análise, destacamos vozes teóricas de autoras que exploram e rearranjam conceitos de amor, relações afetivas complexas, maternidade, a ideia do erótico, etnicidade e repressão de emoções, tais como bell hooks (2019; 2020), Ana Karolina Damas da Costa (2022), Patrícia Hill Collins (2019), Audre Lorde (1984; 2020) e Constância Lima Duarte (2020). Desse modo, procuramos investigar de que maneira Evaristo ressignifica as escolhas das personagens femininas selecionadas em *Canção*, associando tal movimento ao exercício de agência e autonomia de cada uma delas.

Nesse sentido, vale salientar o conceito de escrevivência, elaborado por Conceição Evaristo, diante de uma obra que engendra as vivências da população negra a partir das experiências negras, individuais e coletivas, incluindo o corpo negro que escreve. Nesse romance, Evaristo cria um emaranhado de caminhos relacionais que desvelam complexidades de corpos negros que se afetam, recheando de estranhamentos, surpresas e profundidade uma narrativa sobre as aventuras afetivas de um homem negro que está sempre em movências afetivo-sexuais à medida que viaja por diferentes cidades e lugarejos. Mas é através do ponto de vista e voz narrativa femininas que ficamos a par das aventuras do protagonista e, ademais, da atuação das mulheres com quem ele se relaciona. Trazemos a voz Audre Lorde, ao tratar das escolhas e busca das mulheres pela conexão:

Ainda assim, tradicionalmente, mulheres negras sempre criaram vínculos de união e apoio mútuos, ainda que de maneira conturbada e apesar de quaisquer outras alianças que militassem contra esses vínculos. Nos juntamos umas às outras por sabedoria, força e apoio, mesmo que apenas sob a circunstância de um relacionamento com um mesmo homem (Lorde, 2020, p. 62).

O romance de Evaristo é situado nesse contexto em que relações afetivo-amorosas são tidas como redes complexas que se constroem e desconstroem a partir das escolhas múltiplas das personagens femininas que tecem tal emaranhado relacional, tendo Fio Jasmim como “fio condutor” nessas (des)construções. Assim, buscamos analisar os movimentos de agenciamento das personagens selecionadas diante de uma sociedade heteropatriarcal, desafiando e rompendo parâmetros hegemônicos identificados ao decorrer da obra. Nossa análise se propõe, ainda, a contribuir para os estudos literários sobre *Canção*, em particular, e sobre a escrita Evaristiana, em geral, ao aprofundar e revelar elementos dos intrincados mecanismos de afeto e identidade presentes no livro.

### **1 Pérola Maria: gerando desejos**

Dentre as diversas mulheres mencionadas em *Canção*, que tiveram seus caminhos cruzados com Fio Jasmim, ressaltamos o papel fundamental de Pérola Maria na vida do protagonista. Ao ser apresentada como sua esposa e dona de casa, Pérola também se coloca frente à sociedade heteropatriarcal, buscando realizar seus desejos acerca da maternidade. Inscrita na dinâmica de sua comunidade, Pérola é colocada, em um primeiro plano, como sujeito submisso que se ajusta aos desejos do marido, gerando-lhe uma prole.

Sua relação matrimonial é marcada pelo conhecimento de Pérola dos vários relacionamentos amorosos-sexuais mantidos por Fio ao longo de suas viagens como um trabalhador no trem em várias cidades do entorno. Assim revela a narradora: “Nenhuma dessas relações Jasmim desmentia, mas também explicitamente não confirmava. Abraçava a mulher, dizia ser ela a pérola e as outras pedras brutas sem qualquer brilho” (Evaristo, 2022, p. 14). Através do ponto de vista da narradora, é possível entender como o desejo de Pérola continuou sendo realizado ao decorrer da história e de seu envolvimento com Fio Jasmim, apesar dos aparentes desvios conjugais do marido.

Ao longo da narrativa, vemos que Fio é a figura central, ou o “fio” condutor da história, e que seu desenvolvimento como homem segue o molde de figuras masculinas marcantes no seu aprendizado, como é o caso de seu pai e os companheiros de trabalho. Nessa representação

do herói, o romance traz-nos uma figura masculina que reproduz as dinâmicas de um mundo sexista que autoriza aos homens privilégios de mobilidade e acesso sexuais, espaciais, sociais e econômicos. Neste contexto, cabe a Pérola desempenhar o papel exemplar de mãe, esposa e dona de casa – qualidades que Fio destaca em seu discurso para apaziguar a companheira em seus momentos de vulnerabilidade ao se deparar com as evidências das outras mulheres na vida do marido, como vemos a seguir:

Tratava bem a sua mulher em casa, que desconfiava dos bordejos que ele dava na rua. Porém, quando a cisma dela se transformava em lágrimas, ele sabia como consolá-la. Aliás, Pérola Maria era uma verdadeira pérola, nunca perdia o brio de uma boa esposa e de uma boa mãe. Por isso ele se esforçava tanto para que não faltasse nada para ela e as crianças (Evaristo, 2022, p. 87).

Apesar dos momentos ocasionais de “cisma”, Pérola se posiciona como sujeito superior, quando colocada diante das outras mulheres que tinham um relacionamento com Fio Jasmim. Isso se dá devido a sua vantagem de usufruir do “gozo maior”, do prazer que é sentir uma vida dentro de si, levando em conta que ela considerava até mesmo o momento do parto de outras mulheres com quem Fio tinha se envolvido como algo que era seu (Evaristo, 2022, p. 74). Em seu trabalho *Descaminhos Femininos Afro-Brasileiros em Conceição* Evaristo, Ana Karolina Damas da Costa destaca que “[...] ainda que tivesse conhecimento dos casos extraconjugais de seu companheiro, [Pérola] preferia se abster dessas preocupações, posto que no final das contas era ela a esposa [...]” (Costa, 2022, p. 61). Assim, um primeiro olhar sobre essa personagem pode apontar para uma ambivalência e controvérsia: onde estaria, então, manifestado o agenciamento de Pérola Maria diante dos arranjos machistas que atravessam seu relacionamento com Fio Jasmim?

Para responder a esta questão, precisamos retornar à estrutura do romance. É verdade que Fio é, em primeiro plano, a figura central da narrativa de Evaristo, mas sua história só se materializa por meio de uma voz feminina que narra essa história. Além de trazer uma narradora que borra os limites da ficção, tal narradora é constituída polifonicamente: a história das aventuras e peripécias amorosas de Fio são conduzidas por vozes e perspectivas múltiplas de outras mulheres, recolhidas pela narradora. Como bem coloca Constância Lima Duarte, “Apesar de Fio Jasmim estar no centro da narrativa, não será a sua voz que narrará as aventuras que vivencia, e sim a das mulheres que o conheceram” (2020, p. 137). Dessa forma, Evaristo nos entrega uma narrativa fundamentada nas vivências amorosas de diferentes mulheres com o mesmo homem, sendo através delas que o mundo masculino se revela. A narradora de

*Canção* nos oferece perspectivas multifacetadas de Pérola e suas escolhas, algo que uma sociedade predominantemente sexista jamais poderia vislumbrar.

A partir de uma leitura comprometida com tais nuances de perspectivas e plurivocalidade femininas, Pérola Maria não se coloca no lugar de esposa recatada e submissa, pensando unicamente em desempenhar seu papel no patriarcado. A maternidade, embora seja, ainda, uma experiência profundamente regulada pelas normas patriarcais, é retomada por Pérola também como um desejo próprio e independente. Ana Karolina Damas da Costa pontua que “a personagem considerava a maternidade a maior dádiva que uma mulher poderia ter, e lamentava por aquelas que não tinham vivido tal experiência” (Costa, 2022, p. 62), evidenciando assim que estar com Fio Jasmim não afirmava sua submissão plena aos demandes de uma sociedade patriarcal. Ao se relacionar com Fio, Pérola realiza um desejo autônomo de ser mãe, algo que experimenta como realização do seu gozo:

Se fazer filho era o mal maior que um homem podia causar a uma mulher, para Pérola, perigo não era. Ela gostava de ter filhos. Gostava de parir. Já tinha dado à luz quase uma dezena de filhos, todos de parto normal. E a cada filho parido bendizia o momento do parto e lamentava a fugacidade do tempo escorregadio em que os bebês deslizavam de dentro dela. Talvez fosse esse o singular prazer de Pérola. (Evaristo, 2022, p. 73).

Pérola Maria se constrói e desconstrói, desde os momentos em que lamenta as aventuras do marido até o ato de conceber seus filhos. Ela escolhe estar casada com Fio Jasmim, escolhe acolher as aventuras dele, porque, da mesma forma que reconhece que os homens não assumem a paternidade e toda a responsabilidade que vem com tal experiência, também reconhece o comprometimento de Fio com ela e seus filhos. Aqui, também, o romance de Evaristo opera para desestabilizar o que se tornou lugar comum na sociedade brasileira, dita patriarcal, constituída pelo alto índice de mães-solo, e infere na ideia de maternidade como poder de escolha feminina. Se, por um lado, temos Fio Jasmim com o poder da fecundação, por outro, temos Pérola Maria com seu poder de escolha acerca da maternidade. Logo, suas escolhas são essenciais para o desenvolvimento de sua identidade como “ser mulher negra” — e mãe — que rompe com expectativas machistas impostas pela sociedade.

*Canção* reflete muitas das complexidades e realidades vivenciadas por mulheres, especialmente mulheres negras, que desempenham múltiplos papéis dentro de uma sociedade patriarcal. Em seu *Pensamento Feminista Negro*, Patrícia Hill Collins destaca que há uma forte idealização da maternidade dentro de muitas comunidades negras, ao ponto de que o sacrifício

materno se torna uma norma (Collins, 2019, p. 329). Essa imposição cultural sugere que as mães devem abdicar de suas próprias necessidades e desejos em prol da família, transformando o ato de cuidar em um sacrifício contínuo e quase invisível. Na narrativa de Evaristo, a noção de maternidade e sacrifício é abordada a partir de múltiplas perspectivas. Por um lado, as famílias que seguem os padrões impostos pela sociedade patriarcal frequentemente criticam e condenam as mulheres que fazem escolhas não convencionais, desafiando assim as normas estabelecidas sobre o papel feminino. Por outro lado, os maquinistas que trabalham com Fio Jasmim no trem tratam as mulheres de seu entorno como objetos de desejo, desconsiderando suas complexidades e realidades. Essa objetificação reflete uma visão superficial e redutiva das mulheres, contrastando com as críticas mais profundas e contextuais enfrentadas por aquelas que se desviam das expectativas tradicionais.

Ao refletir sobre a posição de poder que Fio Jasmim ocupa em seus relacionamentos, a própria voz narrativa de *Canção* questiona e replica: “o que ele havia oferecido para as mulheres que tinham sido suas? Para a esposa, tinha certeza, havia oferecido filhos. Também, só no ato de fazer, algum oferecimento se deu” (Evaristo, 2022, p. 97). A reflexão expõe a superficialidade do comprometimento de Jasmim com Pérola, evidenciando que, para ele, o ato de gerar filhos é visto como uma forma suficiente de contribuição ao relacionamento. Essa concepção acaba validando a escolha de Pérola de mantê-lo por perto, acreditando que ele continuará presente e será capaz de suprir suas necessidades, ainda que apenas de forma funcional. Pérola, ao escolher Jasmim como o pai de seus filhos, parece aceitar a realidade a qual o papel do pai é reduzido ao de um doador genético e fornecedor de recursos materiais, sem um comprometimento afetivo, e ajusta suas expectativas àquilo que ele pode oferecer, por mais limitado que seja. Assim, após todo o desdobramento de Fio Jasmim como um homem que passa a questionar suas atitudes e reconsiderar seu direito de sentir emoções — antes colocadas como algo que diz respeito apenas às mulheres —, um último questionamento em relação à personagem é destacado: “E o vazio de Pérola Maria, ela preencheria com filhos?” (Evaristo, 2022, p. 94).

A sociedade heteropatriarcal que configura a obra de Conceição Evaristo tem uma visão equivocada a respeito da maternidade, desconsiderando que ela “promove o crescimento pessoal, eleva o status nas comunidades negras e serve de catalisador para o ativismo social” (Collins, 2019, p. 333). Logo, a pergunta que parte de um momento de realização de Fio Jasmim se dá como respondida ao considerarmos que o agenciamento de Pérola Maria se

desdobra a partir do seu desejo pela maternidade, assim como sua identidade vai sendo esculpida diante de suas escolhas, seus desejos e sua relação consigo mesma.

## 2 Aurora Correa Liberto: ousando ser livre

Em sua obra *Irmã Outsider*, Audre Lorde afirma que o erótico é uma afirmação da força vital no interior das mulheres, cuja aplicação se manifesta na criação e transformação do que nos cerca e se reflete em linguagem, história, dança, amores, trabalhos, tocando tudo em nossa vida (Lorde, 2020, p. 70). Em *Canção para ninar menino grande*, temos a Pérola, cujo nome, evocado por Fio Jasmim, traz a ideia de uma joia de maior valor dentre tantas outras que ele colecionava. No meio de tal coleção, nos deparamos com Aurora Correa Liberto, cujo nome, associado à personalidade e às ações da personagem, pode se referir àquela que goza da liberdade. É em Aurora que vemos esse despertar do erótico como uma fonte de poder e (auto)descoberta.

A sociedade heteropatriarcal também se mostra presente nesse cenário, seja na maneira que Fio Jasmim e os maquinistas tratam Aurora, como uma espécie curiosa de mulher que se exhibe diante de outros homens, seja na família da personagem que por muito tempo julgou a moça por ações que vinham a desafiar um poder que pertencia apenas aos homens: “Crescera recebendo surras das mulheres e dos homens de sua família, e tudo porque ela não perdia o hábito de tomar banho sem roupas nas águas do Rio Naipã” (Evaristo, 2022, p. 33). O tratamento que Aurora recebera ao longo de sua vida se dá pela sua escolha, um tanto curiosa aos olhos da sociedade retratada na obra, de se banhar desnuda em um rio, deixando boiar seu “corpo livre de mulher, tão livre quanto as águas que banhavam a nudez dela” (Evaristo 2022, p. 35). O hábito de Aurora é contemplado por homens e mulheres do vilarejo que, ao longe, das margens do rio, antecipavam “sensações de prazer atrás dela” (Evaristo, 2022, p. 34). Tal atitude faz com que Aurora seja julgada pelos outros, incluindo sua própria família, como uma moça sem juízo, que vem até mesmo a ser justificado pela condição que ela tem desde seu nascimento: sua moleira não havia fechado quando ela ainda era um bebê, o que acabou por defini-la como uma menina que tinha o juízo frouxo (Evaristo, 2022, p. 35). Apesar de sua atitude ser justificada como uma condição que envolve sua saúde mental, fica claro que Aurora cresce e amadurece cultivando este prazer livre com seu próprio corpo, o que quebra o argumento de que suas escolhas são realizadas por ela não ter juízo.



Sua família insistia na ideia de que Aurora “não tomava mesmo jeito. A tenência não se fazia nela, nem o atributo da sensatez. O tino não ficava o suficiente, para que Aurora ensaiasse uma vida como todas as mulheres da cidade. Pensasse em arranjar um namorado, casar e ser quase feliz” (Evaristo, 2022, p. 34). A Aurora é imposto um modelo do que seria ideal: de vida reclusa, como esposa e dona de casa cujo corpo fosse controlado pelos ditames das leis monogâmicas heteropatriarcais. No entanto, o agenciamento da personagem se desenvolve a partir da ruptura desse modelo de performance de gênero, ao abraçar uma “condição que era dela desde o nascimento”, pois “Seus desejos de saída para as águas se impunham” (Evaristo, 2022, p. 35). Aurora segue explorando, cultivando e desfrutando de sua força vital, o erótico como fonte poder e autorrealização.

Assim, estabelecemos, mais uma vez, o diálogo com Lorde quando aponta para o conceito de erótico, corrompido pelas sociedades patriarcais e usado contra as mulheres, como “uma sensação confusa, trivial, psicótica, plastificada”, muitas vezes associado à pornografia (Lorde, 2020, p.68). Isso se mostra presente na obra de Evaristo quando, após chegar de trem com seus colegas na cidade onde vive Aurora, Fio Jasmim fica sabendo dessa mulher que sempre se exibia nas águas do Rio Naipã e que acabava por ser considerada como um desafio dentre os homens, que sempre tentavam, sem sucesso, ou fantasiavam em seduzi-la e se apossar dela.

Apesar do interesse de Fio ser tão semelhante ao dos outros homens da cidade, ou seja, focado na posse do corpo de Aurora, é importante mencionar que “ele gostava da liberdade daquelas que se diziam e que se portavam como livres” (Evaristo, 2022, p. 17), o que evidencia o poder e a autonomia de Aurora Liberto no que diz respeito ao exercício de sua liberdade. Através da visão da narradora conseguimos testemunhar o momento em que o encontro inevitável de Fio Jasmim e Aurora se concretiza no convite da moça para que ele, à espreita e à espera, participasse com ela do “gozo das águas” (Evaristo, 2022, p. 39). Aqui, a narrativa nos conta também do desejo de Aurora em compartilhar o banho de rio com Fio Jasmim por ser algo que faz bem a ela. Sua decisão e consentimento na partilha dos “imensos banhos” no Rio Naipã também falam do agenciamento de Aurora perante seu próprio corpo, suas escolhas e seu poder.

Ao longo da narrativa, fica claro que a relação dos personagens afeta positivamente a vida de ambos, principalmente quando consideramos a transformação de Aurora como uma mulher autônoma que tem poder sobre suas escolhas. O encontro de ambos é carregado de



simbolismo, especialmente quando, dentro do rio, Aurora brinca com Fio Jasmim e toca a cabeça dele, sentindo o mesmo afundamento que possui em seu crânio (Evaristo, 2022, p. 39). Assim, ao se descobrirem portadores de “moleira aberta” e pessoas “sem juízo”, ambos caem na risada, talvez por se verem como seres livres que podem fazer escolhas sem o peso do olhar de julgamento daqueles que não os compreendem. Nesse gesto, aparentemente simples, Evaristo desenha uma cena de vínculo profundo entre Fio e Aurora — uma conexão que não é apenas sexual, mas, também, baseada na compreensão mútua e na empatia que transcende e atravessa o laço físico.

A relação deles, apesar de passageira, marca Aurora no sentido de que fala Lorde: “compartilhar o gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, cria uma ponte entre as pessoas que dele compartilham que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não têm em comum, e ameniza a ameaça das suas diferenças” (Lorde, 2020, p. 71). Ela fingia que os homens ao redor do rio não existiam e aguentava as pancadas que recebia de sua família, pensando no propósito de que, ao mesmo tempo que as águas do Rio Naipã levariam embora a má definição do erótico vista pelos homens, também moveriam — no sentido de modificar — toda a estrutura que a sociedade impusera sobre as mulheres. O movimento de agenciamento da personagem acontece quando ela transforma a dor em resistência, quando usa suas experiências e escolhas como força para se descobrir, se acolher e seguir em frente.

Por fim, a narradora de *Canção* questiona a hipocrisia da sociedade ao colocar Aurora como um sujeito objetificado que oferecia um risco aos homens, e pergunta: “E os homens, todos eles tinham moleiras abertas? Nenhum tinha juízo para respeitar uma mulher nua que só queria saber do prazer das águas? Parece que sim, homem algum tinha temperança!” (Evaristo, 2022, p. 35). A pergunta e a resposta são como um retrato de como funciona a sociedade representada no livro, principalmente quando pensamos em como Aurora não permite que as restrições impostas a ela definam sua identidade. Trazemos, ainda, a voz de bell hooks sobre a luta da mulher para criar sua identidade e nomear a própria realidade como formas de resistência (hooks, 2019, p. 210). A partir de hooks, podemos apontar que Aurora Correa Liberto representa, em Evaristo, uma mulher que corporifica a ideia de que a verdadeira liberdade vem de dentro, da capacidade de transformar adversidades em poder. Aurora não busca aprovação externa para suas escolhas; ela é autônoma em sua vivência e encontra nas

águas do rio um espaço de movências, liberdade e fluidez, um espaço onde ela pode ser verdadeiramente quem é e quer ser.

### 3 Eleonora Distinta de Sá: ressignificando relações

Em uma sociedade alinhada ao patriarcado e ao androcentrismo, regida pela predominância de uma moral religiosa historicamente cristã, mulheres sáficas enfrentam não apenas os preconceitos religiosos e sociais que delineiam a moralidade imposta à comunidade LGBTQIA+, mas também sofrem profundamente com o machismo e as determinações de gênero. Em *Canção*, a personagem Eleonora Distinta de Sá é um exemplo perfeito de tal fenômeno: sua aversão crescente aos homens começa na infância, motivada pelo desconforto ao estar perto de outros garotos e, sobretudo, pelas limitações impostas a ela, por ser mulher, em sua própria residência. No ambiente doméstico, as diferenças de tratamento em relação aos irmãos são evidentes e impactam sua relação com os homens de forma geral. Assim, nos conta a narradora:

Ela odiava os meninos, principalmente quando as meninas, coleguinhas dela, escolhiam ficar do lado dos garotos, em qualquer atividade na escola. Naquela época, ela desejava que o mundo fosse partido em dois espaços distintos, sem mistura alguma. O das meninas e o dos meninos. E, à medida que foi crescendo, os sofrimentos, as interdições que sofria por ser mocinha, em desvantagem com a liberdade dada aos irmãos, por serem rapazinhos, isto tudo foi criando nela o desejo de um mundo bipartido. Ela observava que, na prática, o mundo já era assim. Desde pequena, já vinha passando por poucas e boas nas mãos dos machos de sua família, pais e irmãos. Do deboche às surras, até a expulsão de casa, quando tinha dezessete anos, ao se apaixonar pela prima da namorada de seu irmão. As duas se descuidaram e foram apanhadas se beijando no quarto dela (Evaristo, 2022, p. 89).

Em famílias onde o poder masculino predomina, é comum haver uma diferença significativa no tratamento e na convivência entre figuras paternas e filhas. Desde cedo, essas crianças são submetidas a uma cobrança exacerbada que aumenta com o passar dos anos, exigindo delas a manutenção da feminilidade e a conformidade com papéis femininos. A quebra dessas expectativas é frequentemente vista com temor, o que pode resultar em um distanciamento emocional por parte dos pais, que deixam de ser figuras amorosas e se tornam frios e distantes em relação às suas filhas, preferindo a companhia e o convívio com filhos homens ou outras figuras masculinas. bell hooks oferece uma reflexão profunda sobre essas relações ao compartilhar sua própria experiência com seu pai, na obra *Tudo Sobre o Amor*:

Fui a primeira filha do meu pai. Assim que nasci, fui acalentada e tratada com gentileza, de modo a me sentir querida neste mundo e em minha casa. Até hoje não consigo me lembrar do momento em que esse sentimento de ser amada me deixou. Só sei que, um dia, eu já não era preciosa. Aqueles que inicialmente me amavam se afastaram. A ausência de seu reconhecimento e de sua atenção perfurou meu coração e me infligiu uma dor tão profunda que fiquei zozza (hooks, 2020, p. 24).

Essa falta de afeto e o tratamento desigual impactam profundamente o desenvolvimento emocional das filhas, que, desde cedo, lidam com essas diferenciações, reprimindo a si mesmas. Em muitos casos, essa situação vai além da ausência emocional, evoluindo para relações conflituosas que podem culminar em atos de violência, seja física ou verbal – algo que se concretiza ainda na juventude de Eleonora. Essa opressão se manifesta duplamente na vida da personagem: tanto como uma mulher em um ambiente que valoriza o masculino, mas também por sua orientação sexual, que foge das expectativas impostas pela família e pela sociedade heteronormativa.

Eleonora Distinta de Sá, ao encontrar refúgio na casa da senhora para quem trabalhou e que posteriormente a acolheu, tem diante de si mais do que um lugar físico para escapar das circunstâncias que a oprimem. Nesse novo ambiente, longe da vigilância e das imposições de sua família, ela começa a construir um espaço de autonomia e escolha. Esse novo espaço não era um paraíso, mas sim a construção consciente de um santuário que a protegesse de um passado marcado por violências e repressão de sua identidade. A herança que ela recebe após a morte dessa senhora é um símbolo de liberdade, constituindo-se também como uma nova oportunidade para reconstruir sua vida. Quando estabilizada, Eleonora é impulsionada a buscar o reencontro com um amor do passado, uma paixão que ela considerava inacabada: “A vida de Eleonora ganhou novo sentido, o de procura de reconstrução, ou melhor, de uma construção de um passado não vivido” (Evaristo, 2022, p. 89). Sem o apoio da família e após a morte da senhora que lhe cuidara, Eleonora se apega à lembrança de sua paixão não-realizada. Essa lembrança parece representar uma conexão com o que foi perdido, servindo como um suporte em meio à solidão. No entanto, quando essa esperança se dissolve na noite em que vai para o bar, após um desencontro frustrante com sua amada, ela é forçada a confrontar essa solidão de frente.

A solidão é um fenômeno frequentemente observado na experiência da comunidade negra, mesmo dentro de espaços de aparente acolhimento. hooks ainda acrescenta que a solidão é um fenômeno que marca a cultura materialista e narcisista cujo foco é o consumismo desenfreado, a ganância e a exploração a partir de uma ética de dominação (2020, p. 127). No

caso das mulheres negras, particularmente as lésbicas, a busca por conexão e pertencimento torna-se ainda mais complexa na cultura do “eu”. Essas mulheres frequentemente enfrentam uma solidão multifacetada e atravessada pela marginalização social e pela exclusão dentro de suas próprias comunidades negras. Além disso, a violência familiar representa uma realidade brutal que afeta diretamente essas mulheres, mesmo quando conseguem se afastar fisicamente de ambientes abusivos. A não conformidade com os papéis de gênero e sexuais esperados, independentemente da performance da feminilidade, contribui para a exclusão e perpetua um ciclo de isolamento dentro de dinâmicas homofóbicas, muitas vezes dissimuladas. A dificuldade de pertencimento, intensificada pela violência e rejeição social, tem um efeito devastador no bem-estar emocional dessas mulheres. Elas enfrentam uma solidão que não se define pela ausência física de pessoas, mas pela distância emocional, marcada pela incompreensão ou invisibilização de suas dores e seus desejos por parte da sociedade e, por vezes, de suas comunidades mais próximas.

Audre Lorde oferece uma reflexão importante sobre como as pessoas negras, especialmente as mulheres, são pressionadas a esconder suas emoções, em parte como uma estratégia de sobrevivência, diante das múltiplas violências a que estão sujeitas. Lorde ressalta que, enquanto pessoas brancas (em especial, heterossexuais e cisgêneras) podem ter o privilégio de explorar e expressar suas emoções, as pessoas negras frequentemente enfrentam uma realidade em que as emoções são reprimidas, tanto para evitar estereótipos quanto para lidar com os desafios mais imediatos da sobrevivência (Lorde, 2020, p. 213). Embora a discussão de Lorde seja centrada nos Estados Unidos, essa dinâmica é amplamente aplicável em diferentes contextos, incluindo o de Eleonora. A necessidade de demonstrar força inabalável é imposta tanto às mulheres quanto aos homens negros, e a repressão das emoções se torna uma forma de sobreviver em um mundo que constantemente desumaniza essas populações. Assim explica Lorde:

Pessoas negras neste país sempre tiveram que prestar muita atenção à tarefa árdua e contínua de sobreviver nos planos mais concretos e imediatos. Mas é tentador deduzir desse fato que as pessoas negras não precisamos examinar nossos sentimentos... Isso é o mesmo que carregar uma bomba relógio ligada às nossas emoções (Lorde, 2020, p. 213).

No caso de Eleonora, essa repressão emocional se manifesta em sua dificuldade de se relacionar e em sua constante fuga e isolamento. Na noite em que ela vê sua chance de futuro tão sonhado escapar de suas mãos, a sensação de solidão se torna inescapável. É nesse momento

de vulnerabilidade que Eleonora conhece Fio Jasmim e encontra nele uma inesperada identificação: um homem cujas experiências de vida, embora aparentemente opostas às suas, também foram moldadas por opressões e expectativas sociais sobre o masculino e sobre sua negritude.

Fio Jasmim, como muitos homens negros, internaliza, desde cedo, a noção de que expressar emoções é sinal de fraqueza. Ele aprende com figuras masculinas, como seu pai, sobre o poder que sua relação com as mulheres lhe dava e sobre como um homem socialmente aceito deveria exercer tal poder. Aos homens era permitido expressar apenas a raiva, pois essa emoção era vista como aceitável. Além disso, Fio aprendera com o pai e com os mais velhos que afirmar sua masculinidade significava conquistar os corpos das mulheres e, que neste quesito, quantidade representava grande êxito viril. A narradora de *Canção* denuncia tal modelo de masculinidade:

Cedo, Fio Jasmim começou a buscar avidamente por mulheres, como se o nosso corpo não tivesse outra função, a não ser a de ancoradouro para os homens... A cada encontro, se pensava mais macho e, portanto, mais feliz... Na escuta dos jactados encontros de Jasmim com as mulheres, o pai, saudosos das façanhas do passado, se reconhecia na virilidade do filho... Aprendera, desde cedo, a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento que parecesse dor ou tristeza. Só a raiva era permitida, se não fosse contra os mais velhos. Raiva, explosão, enfrentamento na rua eram atitudes de um menino que estava se tornando homem. Mas uma advertência o pai fazia: cuidado com as mulheres (Evaristo, 2022, p. 87).

Tal modelo de masculinidade, fundamentada no exercício do controle sobre os corpos das mulheres e na repressão de uma subjetividade genuína, também trouxe consigo um dano emocional que impede Fio Jasmim de desenvolver relacionamentos íntimos saudáveis e profundos. Ao chegarmos mais adiante na narrativa, encontramos um Fio Jasmim maduro e desprovido de qualquer repertório emocional para lidar com suas dores mais antigas e contundentes. Ainda é bell hooks quem discute como até mesmo os meninos criados em ambientes progressistas são socializados para reprimir suas emoções e aderir a uma concepção do modelo heteropatriarcal tóxico de masculinidade, pois “aprendem uma concepção diferente de masculinidade e de sentimentos no parquinho, na sala de aula, praticando esportes ou assistindo à televisão” (hooks, 2020, p. 67). Se, por um lado, Fio Jasmim encontra em suas relações sexuais uma reafirmação constante de masculinidade e poder, muito influenciado pelas suas experiências com o pai, por outro, a chegada de Eleonora Distinta de Sá representa uma mudança significativa e transformadora para o personagem.

A presença de Eleonora na vida de Fio Jasmim proporciona uma nova perspectiva emocional para ambos. Ela introduz uma dinâmica a que Fio Jasmim não estava habituado, uma vez que, como lésbica, não desenvolve e não espera de Jasmim qualquer performance viril e/ou sexual. Sua interação revela uma possibilidade de exercício emocional e uma profundidade de conexão que desafia o que está posto como norma para ambos. Esse encontro permite a Fio Jasmim explorar e expressar vulnerabilidades que antes estavam ocultas, oferecendo-lhe uma nova forma de se relacionar com suas próprias emoções. Para Eleonora, o vínculo com Fio Jasmim possibilita a construção de um refúgio emocional ao oferecer um espaço de autenticidade e compreensão mútua. Esse vínculo não se caracteriza por uma existência desigual, mas por uma coexistência e um espaço de conexão mútua e igualitária, de maneira oposta às relações com seu pai e seus irmãos:

Para Eleonora, a experiência também foi única. Levou um homem para dentro de casa, dormiu lado a lado com ele e não viveu qualquer temor. Descobriu que os homens, alguns, ou especialmente aquele, tão mulherengo — conclusão a que ela chegara pelas exageradas histórias de conquistas que ele havia contado —, podia se tornar um irmão (Evaristo, 2022, p. 85).

O agenciamento de Eleonora se dá através desse vínculo, pois transforma sua experiência de solidão em uma oportunidade de conexão genuína e empática, promovendo um ambiente de apoio e entendimento mútuos que fortalece sua própria identidade e oferece um refúgio emocional para aqueles ao seu redor. É ainda através da abertura para uma conexão com um homem (sobretudo um homem com o histórico de Jasmim) que Eleonora percebe nuances complexas da subjetividade e da humanidade que promovem solidariedade e irmandade, rompendo com seu ciclo de solidão.

### **Considerações finais**

Por meio de suas obras literárias, Conceição Evaristo retrata a realidade de diversas mulheres, especialmente mulheres negras, e oferece, através dessas personagens, um espaço de identificação, humanização e pertencimento. Seu romance *Canção para ninar menino grande* não é apenas uma obra literária de impacto, mas também uma reflexão profunda sobre as diferentes formas de poder e as diversas formas de agenciamento forjadas pelas mulheres numa sociedade heteropatriarcal. Pérola Maria, Aurora Correa Liberto e Eleonora Distinta de Sá constituem exemplos de outras possibilidades de existir, mediante ao exercício de seus desejos por meio da maternidade, da autonomia corporal e da ressignificação de suas relações afetivas.

Essas mulheres são mais que apenas a esposa, o caso de uma noite e uma amiga. Evaristo cria um mundo ficcional onde atribui a elas nomes, personalidades e histórias próprias, mostrando, por meio das narrativas entrelaçadas a Fio Jasmim, a resiliência e o poder feminino frente às adversidades e aos caminhos restritos desenhados para as mulheres em uma cultura de dominação.

Ao longo da narrativa, percebemos diversas formas de agenciamento feminino. Pérola Maria encontra sua autonomia através da maternidade como uma realização pessoal, apesar das complexidades em seu casamento com Fio Jasmim. Aurora Liberto resiste às imposições sociais e transforma sua dor em força, encontrando no inusitado vínculo com Fio uma forma de reafirmar sua liberdade. Por fim, Eleonora Distinta de Sá utiliza a empatia para transformar suas experiências de repressão, preconceito e abandonos, alcançando uma nova compreensão de si mesma e de suas relações com um outro que se faz irmão.

Analisar esses espaços de agenciamento feminino é uma maneira ativa de reconhecer a importância crescente dessas mulheres na literatura. Obras como *Canção para ninar menino grande* são ferramentas que dão voz a figuras oprimidas e invisibilizadas, desvelando importantes questões de gênero, raça, classe e sexualidade. Através dessas mulheres, Evaristo pondera sobre as múltiplas formas de resistência como ferramentas para a decolonialidade do ser e a quebra de estereótipos e dependência, mostrando que as figuras femininas são muito mais complexas, humanas e profundas do que uma sociedade com valores e moldes limitantes pode supor.

## Referências

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COSTA, Ana Karolina Damas da. Descaminhos femininos afro-brasileiros em Conceição Evaristo. In: GOMES, Carlos Magno; SANTOS, Jeferson Rodrigues dos (org.). *Concepções Modernistas: literatura, história e cultura*. Aracaju: Criação Editora, 2022. p. 57-68.

Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/concepcoes-modernistasliteratura-historia-e-cultura>. Acesso em: 6 agosto 2024.

DUARTE, Constância Lima. *Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrivivência*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivivência - a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-151.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.



hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2020.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

*Recebido em 12 de setembro de 2024*

*Aceito em 26 de novembro de 2024*